

A ABELHA.

PERIODICO UNIVERSAL.

N. 10.

Sabbado 31 de março de 1856.

1.º Anno

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez. As correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao escriptorio da redacção, na rua do Sabão n. 45, onde se recebem assignaturas por 6\$000 por anno para a corte, e 6\$500 para as provincias.

Academias de Sciencias Naturaes.

Já lá vai não pouco tempo que foi sancionada a lei, que determina a conversão de dous seminarios do imperio em academias de Theologia. Sem que pretendamos entrar na investigação dos motivos que tem dado lugar ao adiamento da sua execução, não podemos deixar de notar, que, attentas as circumstancias em que se acha o Brasil, bastava a criação de uma só d'essas academias; e que melhor fóra aproveitar elementos que temos para a criação de duas academias de Sciencias Naturaes.

Não ha n'esta idéa a menor opposição á illustração do clero, antes sinceros desejos, como mostraremos adiante, do seo maximo melhoramento, e de alargar-lhe a influencia que pelo seo ministerio divino é chamado a exercer na civilisação do paiz. E é simplesmente com estas vistas que aqui entrelaçamos materias na apparencia oppostas.

Alguns dos nossos seminarios são quasi verdadeiras academias de Theologia; faltão-lhes apenas o titulo e o ensino de poucas doutrinas para que possam com direito elevar-se a essa cathogoria.

Quando se tem adquirido em estabelecimentos d'essa ordem um certo gráo de instrucção, com o esforço proprio alcança-se o conhecimento das outras materias que faltão, sendo esse conhecimento como é, dependente apenas da applicação do espirito.

Portanto o manco que concluir o seo curso em algum d'esses seminarios com mais algum trabalho, propriamente seo, póde obter os conhecimentos que lhe daria a academia. Falta-lhe então o titulo academico; e não bas-

taria um só estabelecimento que lh'o conferisse? E a missão que elle tem de exercer na sociedade eleva-se mais com esse titulo?

A nossa sociedade, ainda acanhada, dando muito apreço aos titulos academicos sal-os muito desejados; e queremos mesmo conceder que certos empregos ecclesiasticos sejam ou dados de preferencia ou *a fortiori* aos padres formados.

Ou os candidatos ao titulo, filhos dos seminarios tem meios de fortuna, e então terminado que seja o seu curso poderão ir receber aquelle titulo na academia concluindo os estudos que lhes faltarem, ou simplesmente fazendo os exames se consigo mesmos tiverem estudado o resto das materias exigidas; ou são destituídos d'aquelles meios, e n'esse caso poderão aproveitar recursos, que por ventura depois se lhes offereção para completar os seus desejos.

Encaramos a questão sómente pelo que compete ao governo fazer; nem podemos deixar de criminar o adiamento de um objecto de tanta importancia. E se todas as provincias do imperio devem vir a ter provavelmente seminarios, e aos bispos compete, aproveitando os recursos que se lhes forem offerecendo, elevar tanto os já existentes como os que se houverem de estabelecer ao maior pé possível, e talvez mesmo com a simples concessão do Papa conferir-lhes os titulos de academias, e aos alumnos os grãos respectivos, nem por isso em um paiz novo como o nosso deve o governo deixar de iniciar os melhoramentos, e esperar pela acção lenta do tempo, preterindo assim as vantagens a que tem direito a sociedade.

Patente d'este modo a desnecessidade da criação das duas academias theologicas decre-

tadas, vamos ver como pouco mais ou menos com as despesas que se deverião fazer com uma d'ellas se pôdem fundar as duas, de summa importancia para o Brasil, de Sciencias Naturaes.

II.

Com os elementos que temos é facil com pouca despeza fundar duas academias de sciencias Naturaes nas nossas duas cidades, onde existem acadomias de medicina.

Não entraremos em questões a respeito da melhor organização de estudos; apresentaremos apenas um plano simples que pôdo ser proficuo na actualidade.

Bem preparados os candidatos com o latim, grego, francez, inglez, Geographia, Historia, Arithmetica, Algebra até as equações do 2.º grão, Geometria e Trigonometria planas e Philosophia racional e moral poderão obter o grão de bacharel com 3 annos dos seguintes estudos:

1.º anno com duas cadeiras de Physica, e Chimica comprehendendo a philosophia e analyse chemicas.

2.º anno com 3 cadeiras uma de Zoologia, uma Botanica, e outra de Mineralogia, Geologia, principios de Exploração de minas e Metallurgia.

3.º anno com 2 cadeiras de Agricultura e Technologia.

As aulas do 1.º anno indicado existem nas duas academias de medicina, havendo-as alem d'isso na escola militar.

A de Botanica faz tambem parte dos 2 cursos medicos. A de Mineralogia e Geologia entra no curso da escola militar, e se não comprehende a Exploração de minas e Metallurgia, deveria accrescentar-se-lhe, e nada com isso perderião os alumnos d'essa escola; ficaria uma aula um tanto trabalhosa, mas não impossivel. e seria preciso creal-a na Bahia.

A de Zoologia teria de crear-se nas duas cidades porque os cursos medicos apenas dao umas mui ligeiras noções d'essa sciencia.

Deveria tambem crear-se as duas de Technologia e Agricultura.

A de Technologia, complexo methodico dos processos empregados nas artes, com um competente gabinete de modelos de machinas, seria como uma guarda avançada do ensino

industrial. Demandaria um professor bastante habilitado, que a amplos conhecimentos theoreticos reunisse os de uma pratica bem entendida.

A de agricultura exigiria tambem um homem que offerecesse iguaes garantias. Conviria addicionar-lhe uma porção de terreno pouco consideravel para as demonstrações da sciencia. Julgamos que se conceberá bem qual o destino d'essa porção de terreno, e que não se confundirão os seus fins com os das quintas experimentaes ou exemplares dos institutos normaes ou das escholas regionaes.

Vê-se por tanto que com a creação de 2 cadeiras de Zoologia, 1 de Agricultura, 2 de Technologia na Côte e na Bahia, e mais uma de Mineralogia e Geologia n'esta ultima cidade e com pequenas alterações nas cadeiras já existentes pode-se dotar o paiz com instituições mui uteis, como passaremos a mostrar.

(Continu'a.)

A candidatura do Sr. Pedro Pereira de Andrade.

Aqui apresentamos, muito espontaneamente, na sua integra a circular dirigida pelo Sr. engenheiro Pedro Pereira d'Andrade aos senhores eleitores da provincia do Rio de Janeiro ácerca da sua candidatura.

Os termos em que é ella concebida devem fallar bem alto aos senhores eleitores, e dispensão-nos de entrar na apreciação das vantagens, que pôde colher a provincia, se contar no numero dos representantes dos seus interesses um moço com as habilitações do Sr. Andrade.

« Illm. — Recorro a V. pedindo o seu suffragio na eleição á assembléa provincial que vai ter lugar em 7 de abril proximo.

« Filho d'esta provincia, tendo feito os meus estudos em França na escola central das artes e manufacturas, na polytechnica e na de pontes e calçadas, julgo poder solicitar a distincta honra de representar os interesses da nossa provincia por me haver especialmente applicado aos ramos mais importantes da nossa industria.

« Já realizei em um d'elles vantagens que têm attrahido a attenção das pessoas mais entendidas.

« Escrevi em 1854 um tratado sobre a fabricação do assucar, que offereci a um cavalleiro que mostrou sempre a maior dedicação

pelos interesses da nossa provincia, o Exm. Sr. conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, actual ministro do imperio, que me honrou mandando-o imprimir a expensas do Estado; além d'isso montei na capital da provincia uma *fabrica de refinação de assucar, distillação de aguardente e fabrico de carvão animal*, com os aparelhos mais modernos empregados na Europa, que SS. MM. honrãrão, visitando-a em setembro proxima passado; e mereci finalmente da ultima assembléa legislativa provincial o favor de um emprestimo para melhorar o fabrico do assucar, que importa não pequeno louvor dos representantes da provincia aos melhoramentos que virão realizados no meu estabelecimento.

« Pretendo ainda em tempo opportuno estabelecer aparelhos para a melhor preparação do nosso café e indicar os aperfeiçoamentos mais apropriados nas nossas circumstancias actuaes para essa cultura, sem negligenciar o que ainda de mais possa idear para a do assucar.

« Com estes titulos julgo-me habilitado a solicitar do corpo eleitoral da provincia o seu voto para a honra de represental-a, e ir reclamar da tribuna os melhoramentos de que carecemos.

« Se V. entender que estas habilitações são reaes, espero e peço que contribua com o seu suffragio para a honra a que aspiro.

« Tenho a honra de subscrever-me de V. muito attencioso venerador e criado.

PEDRO PEREIRA DE ANDRADE, engenheiro,
Nitheroy, 15 de fevereiro de 1836.»

Algumas opiniões de Lord Brougham, publicadas por Colburn.

SOBRE POLITICA.

Sempre fui de opinião que em todos os partidos existe uma grande quantidade de velhacos; e pôde-se sustentar com alguma probabilidade que estes velhacos estão pela maior parte entre os *agentes*.

Quando eu era novo conhecia muitos radicaes, Whigs e Tories; mas de uns aos outros o diabo que escolha.

Os homens mais puros e mais honrados que conheço são aquelles que nada interessão pessoalmente na mudança do systema de governo.

Ninguém pôde duvidar que a melhor politica é a da prohibidade; mas eu bem conheço que nenhum governo faz concessões meramente por verdadeiro amor do povo; a necessidade de conservar o lugar é o melhor estimulo para qualquer homem publico defender ou atacar a obra da reforma parlamentar.

Eu podia encher volumes a respeito de

todas as discussões de que tenho sido testemunha, e em que tenho tomado parte mesmo sobre o objecto unicamente da reforma. O poder e o proveito annexos aos empregos são sempre de muito pezo. Portanto eu considero a politica como um jogo, em que o mais esperto se conserva ao largo, mas á espreita de boa occasião, principalmente se elle sabe o que é fazer mudar o trunfo.

SOBRE SCIENCIA.

Toda a minha vida me dediquei com grande attenção ás materias scientificas, e agora é que vejo que não foi em meo proveito. Se não soubesse tanto, havia de ter ganho mais; porém á semelhança de muitos outros, eu tinha a fanatica ambição de querer alcançar reputação com uma sciencia universal.

A consequencia d'isto foi que o meo cerebro ficou sendo como um deposito de toda a casta de conhecimentos inuteis, por que lá se confundirão e baralharão entre si, de modo que não é possível desenredal-os. Mais vale saber bem poucas cousas, do que saber mal muitas.

SOBRE OS PROCESSOS, JUIZES E ADVOGADOS.

Por necessidade conheci a fundo a forma dos processos e os juristas; e o resultado da minha experiencia é, que aquella e estes são o *mal monstro* da Inglaterra. Não digo isto por causa d'esta ou d'aquella profissão em especial; como estou aposentado com uma pensão posso dizer a verdade com franqueza. Ora n'este caso affirmo que a forma dos processos do modo por que se fazem hoje nos tribunaes inglezes é o peor dos males que existe. Justiça, legalmente considerada, parece-me uma magnifica decepção; e tal qual a achei, assim a deixei. Com os meos fracos meios ainda tentei exlirpar o mal; mas os juristas erão muito fortes para mim, e como não esperava vencel-os, desisti do meo projecto.

LITTERATURA.

Fazer livros é um commercio como o de fazer mesas e cadeiras. Fazer um livro é bagatella o grande caso é vendel-o; *Hoc opus, hic labor*. O talento do livreiro vence o do autor, e a ultima operação vem a ser mais custosa do que a primeira. Por fim cheguei a descobrir que as inspirações sublimes, os sentimentos nobres, e os bellos pensamentos dos litteratos, tudo se reduz a libras, soldos e dinheiros; e que em geral estes meos senhores são tão sordidos, tão fastidiosos e impertinentes como a outra gente.

EDUCACÇÃO

Depois de madura reflexão tenho conhecido que ha tant's velhacos na classe dos instruidos, como na classe dos ignorantes. Os primeiros peccão tanto pelos seus talentos perdidos, como os segundos pela sua ignoran-

cia do justo e do injusto. A unica differença é que as pessoas instruidas não são tão facilmente enganadas como as ignorantes: eis o sogredo da opposição que fazem os despotas, os torys, e os cavalleiros das provincias, os quaes todos preferem a obscuridade à illustração. A educação ha de por fim nivellar tudo; mas ainda requer seu tempo, por que o genero humano anda ainda no seo A B C politico.

Titulos de obras exquesticas

Como curiosidades litterarias publicamos os seguintes titulos de livros escriptos por frades.

— Grão do Evangelho na terra virgem Christo, seminario de toda a doutrina pelo padre José de Ormaza, da companhia de Jesus: Madrid de 1667.

— Racional campana de fogo que toca para que acudão todos os fieis com agua de suffragios a mitigar o incendio do Purgatorio, em que se queimão vivas as beinditas almas que ali penão. Seo autor o padre Fr. Feliciano de Sevilha, pregador e missionario ao postolico da ordem dos capuchinhos. Cadiz 1704.

— Refluxo de agua benta, que qual sagrado Jordão, a vista da arca do melhor maná, fazendo-se christallino muro se defende da opinião que pretende fazel-a correr em tal pressença e que a arca do testamento se pareça à do diluvio. applica-o para maior defeza ao forte e illustre contramuro do Illm. Sr. deão e cabido da santa igreja cathedral de Sevilha, Salvador Fernandes de Hervera, presbytero.

— Florilegio sacro que em o celestial, ameno, e frondoso Parnaso da igreja grega (mysticas flores) a Aganipe sagrada fonte de graça e gloria Christo, com cuja affluencia divina, incrementada da excelsa palma Mariana (triumphante por privilegios da graça) se corôa de victoriosa gloria; por Fr. Francisco do Soto. Salamanca de 1738.

Para amostra d'esta obra bastará o seguinte periodo.

« Eia, alados paranimphos, entoaes funebres exequias, já que ao compasso de seo funesto pranto contrapontea Maria o luctuoso solo do seo sentimento. » *Extr.*

Maneira de illudir curiosos.

O castello de If é uma curiosidade, que muitos viajantes visitão. Depois da publicação do famoso romance de *Monte-Christo*, alguns estrangeiros que tomarão a serio as recreativas ficções de Alexandre Dumas pedem aos guardas que lhes mostrem as masmorras de Dantés e do abbade Faria. A principio respondião elles que nunca houve no castello presos com taes nomes, e offerecião mostrar

o carcere de Mirabeau. Porém os curiosos julgando a resposta uma evasiva parã não mostrarem as masmorras, por alguns motivos ignorados, ião-se embora sem renumerarem os guardas, segundo o costume.

Suceddeo um dia não se convencer um inglez da verdade d'aquelles homens; e com disfarce metteo na mão do que lhe ficava mais a geito uma libra em oiro. Foi um raio de luz que esclareceo o entendimento do guarda: mostrou ao acaso duas prisões contiguas, e o inglez abalou muito satisfeito. De então para cá lêem-se por cima da porta d'essas duas cellulas os nomes de Dantés e Faria; e até já se mostrão o buraco excavado por Dantés, e o sitio d'onde foi arrojado ao mar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Meio de conhecer a falsificação dos tecidos.

Mr. Mainen, professor de chimica em Rheins, publicou, ha tempos, um methodo seguro de descobrir nos tecidos o algodão ou outro fio estranho da lã ou da seda.

Consiste elle em applicar ao estofa, cuja qualidade se pretende verificar, uma dissolução de chlorureto de estanho. Se o tecido suspeito contiver alguma porção de fio de algodão ou de linho, será logo indicado tingindo-se de preto todos esses fios, ao passo que a lã ou a seda não soffre alteração, por quanto aquelle sal de estanho não actua sobre as substancias animaes. *Extr.*

Meio de preservar as incrustações nas caldeiras de vapor.

Nos *Annaes dos caminhos de ferro* achamos o seguinte methodo, usado por Babington:

« O autor procurou na electricidade voltaica um meio de preservar das incrustações as caldeiras de vapor ou quaesquer outras, pondo-as em contacto com um metal mais oxidavel do que o das mesmas caldeiras, e collocando esse metal oxidavel no interior, imergido em agua a ferver, e em contacto mediato com a caldeira. Para este effeito solda-se no interior, e com a solda macia ordinaria uma folha de zinco em posição vertical, e de modo que as suas faces estejam em contacto com a agua quando se enche a caldeira com este liquido. A superficie do zinco relativamente á superficie molhada do interior da caldeira deve estar na relação de 1 para 15 não contando se não uma só face do zinco.

Com o tempo o zinco se corroe; mas este effeito é lento; quando está muito minguado

solda-se nova folha para substituir a gasta ; e se a caldeira é de grande capacidade podem soldar-se duas, tres, ou maior numero em diferentes pontos, tendo sempre cuidado que a superficie total de uma das faces d'essas laminas esteja para a superficie molhada da caldeira na relação a cima indicada.

Acha-se, diz o autor, por este meio que a acção voltaica, que se desenvolve entre o zinco, e o metal da caldeira o as aguas, se oppoem á formação das incrustações que se juntão ordinariamente no interior das caldeiras, e são tão nocivas á sua conservação

IDEM.

Imitação do marfim e do osso.

Mr. Chevreton é inventor de um processo novo para esta imitação, a qual se faz preparando o alabastro, o gesso, e outras variedades do sulfato de cal pelo modo seguinte:

Lavrão-se ou esculpem-se os objectos que se pretendem, em pedaços de alabastro, ou de gesso crú, ou moldão-se em gesso cosido, e submettem-se por 48 horas a uma temperatura que se vai elevando gradualmente de 125 a 175 grãos centigrados. Esta operação expelle a agua e torna estes objectos opacos, alvos e quebradiços. Feito isto são expostos ao ar por 3 ou 4 horas, e depois mergulhão-se n'um banho de verniz duro ordinario, ou de azeite de oliveira, ou de outra materia gordurenta ou de cera derretida até que fiquem saturados.

N'este estado são immergidos por um instante em agua no calor de 30 a 50 grãos, repellido esta immersão de quarto em quarto de hora até completa saturação. A final deixão-se na agua até aquirirem o grão de dureza conveniente. O tempo requerido para isto depende do tamanho dos objectos: os de pequeno volume só exigem duas horas, os mais volumosos dez horas.

Querendo-se os objectos de cores, mergulhão-se em banhos corados, em vez d'agua pura. Depois de serem tratados da maneira a cima descripta podem ser polidos com crú, ou ao torno se á sua fórma. o permittir.

IDEM.

Consummo do marfim.

Resulta de um trabalho lido na assemblea da sociedade geologica de Doncaster (Yorkshire) sobre o marfim e as operações fabris em que é applicado, que só a cidade de Sheffield consomme annualmente nas suas manufacturas a importancia de 240 contos d'esta materia prima ; e o fabrico dos objectos de marfim occupa 500 pessoas. Pelo meos são ne-

cessarios 45,000 colmill'os ou dentes de elephantes para formar 1800 barricas, que representem este consummo annual ; por consequencia o numero de animaes que para ello contribue deve montar por anno a 22,500.

Ainda mesmo admittindo que se encontrem grande numero de colmillhos nas ossadas dos elephantes espalhadas pelas vastas florestas da India, nem por isso deixa de ser exacto que pelo menos hão de ser mortos 18,000 d'aquelles animaes todos os annos só para abastecer o commercio de Sheffield.

Id.

Velas de Stearina.

(Continuação).

Por essa serie de inducções chegava-se a crear um ramo inteiramente novo de industria, — o fabrico por meio do acido stearico de velas, que offercem todas as vantagens que se desejava então nas velas de cera. Esta conclusão não podia escapar ao autor das descobertas mencionadas, o qual tratou logo de applicar á illuminação o resultado de suas observações.

Mr. Chevreul começou a publicar seos trabalhos sobre os corpos gordos em 1813; suas memorias são em numero oito, tendo a ultima apparecido em 1823, anno em que tambem appareceu a sua obra — *Indagações chemicas sobre os corpos gordos de origem animal*, — que resumia trabalhos de dez annos. Dois annos depois, Chevreul associado com Gay-Lussac oblinha patentes de privilegio em Franca e Inglaterra para a applicação dos acidos gordos ao fabrico das velas. O contexto d'essas patentes dá solemne testemunho das previsões habéis e da sagacidade dos dous autores, que comprehenderão na especificação de seos processos uma multidão de meios, dos quaes muitos forão infructuosos, ou sem applicação, devendo porém muitos outros modificados pela experiencia e pela pratica representar um papel consideravel nas operações manufactureiras.

Entre um dado scientifico e sua efficaz applicação á industria, existe um intervallo immenso ; e as qualidades do sabio estão longe de servir de garantia ao bom exito de uma operação industrial.

O máo resultado tirado por Gay-Lussac do ensaio do fabrico dos acidos gordos, seria prova mais que sufficiente d'essa verdade, se ella precisasse de demonstração.

Segundo resão suas patentes, Gay-Lussac e Chevreul saponificavam o sebo por meio da soda decompondo depois o sabão por meio do acido chlorhydrico. Independentemente da pressão empregada para separar os acidos concretos

do acido oleico fazião uso do alcool para separar este ultimo acido.

Esses meios foram regeitados na pratica.

Pouco tempo depois um engenheiro de pontes e calçadas, Mr. Cambacerès tentou outro ensaio industrial para o fabrico dos acidos gordos.

Com as lições e conselhos de Chevreul e Gay-Lussac o joven engenheiro quiz obter a honra de applicar á industria os dados recentemente adquiridos pela sciencia.

Essa tentativa tambem nada conseguiu; foi ella antes um ensaio em pequena escala, do que um trabalho em grande. A' exemplo de Chevreul e Gay-Lussac, Cambacerès saponificava o cebo com um alcali caustico. Suas velas tinham uma côr amarellada, que provinha em parte da impureza do acido stearico, e em parte do cobre roubado ao vaso em que se fazia a operação. Erão gordurosas ao tacto, e tinham um cheiro desagradavel. Os pavios, mergulhados em acido sulfurico diluido para lhes facilitar a combustão, alteravãose de tal sorte com esse agente chimico, que muitas vezes desaparecião da vela.

Cambacerès não quiz continuar com os seus ensaios.

Entretanto essa tentativa do joven engenheiro não foi inteiramente inutil aos progressos futuros da industria stearica. Foi elle que primeiro teve a idéa de empregar nas velas stearicas os pavios trançados de que se usa hoje. Os pavios que se empregão nas velas de cebo não podião servir para as velas stearicas. Quando se accendia uma dessas velas fabricada com um d'estes pavios, formava-se logo na extremidade d'elle uma especie de chapéo que fazia parar a ascensão da materia fundida; a qual então não podendo chegar ao ponto em que se effectuava a combustão trashordava e corria ao longo da vela. Depois de tentar remediar esse inconveniente por meio de um pavio trançado ouco, Cambacerès imaginou então o pavio hoje usado que é feito ao teiar. Gay-Lussac e Chevreul tinham já indicado os pavios ou oucos, ou tecidos, ou fiados; porém não foi por elles consignada a especie de trança como foi e é hoje usada.

Depois d'essas infructuosas tentativas o emprego dos acidos gordos na iluminação foi abandonado, e só cinco annos depois de concedidas as patentes a Chevreul foi que Mr. de Milly começou a occupar-se do fabrico em grande dos acidos gordos. Chevreul havia descoberto o acido stearico, Mr. de Milly emprehendeo fabrical-o economicamente. Foi o resultado de seus trabalhos que permittio chegar a 2 francos o kilogramma do acido stearico, que em 1831 custava 60 nas lojas dos fabricantes de productos chimicos.

O primeiro estabelecimento de Mr. de Milly foi na barreira da Estrella em Paris; d'ahi

vem o nome de *Bougie de l'Etoile* que teve e ainda tem em França a vela stearica.

A descoberta importante do Mr. de Milly que permittio poder-se industrialmente fabricar os acidos gordos foi a substituição da cal á soda caustica para a saponificação do cebo. O emprego dos alcalis causticos proposto por Gay-Lussac e Chevreul era impraticavel na industria, ao passo que a cal de um preço muito baixo creou a industria stearica. Tratado pela cal o cebo dá um sabão que decomposto pelo acido sulfurico deixa em liberdade os dous acidos gordos stearico, e oleico que pela pressão effectuada a frio e depois a quente separão-se sem difficuldade.

A combustão das velas stearicas apresentava uma difficuldade particular.

A cal empregada no seo fabrico ficava retida em mui pequena quantidade no acido stearico. Durante a combustão da vela, essa cal se reunia e accumulava no pavio, e como é uma materia infusivel ficava entre os fios e acabava, diminuindo a capillaridade, por entupir o pavio, dondo resultava enfraquecer-se a combustão. Mr. Cambacerès, que foi o primeiro que reconheceo esse inconveniente, pretendia remedial-o mergulhando como dissemos acima, os pavios no acido sulfurico, o qual formando com a cal um composto fusivel em elevada temperatura corroia com tudo os pavios.

Foi Mr. de Milly que imaginou o meio, que é hoje empregado, para desembaraçar o pavio da cal proveniente das operações, como tambem das cinzas resultantes da combustão do algodão. Antes de ser posto na vela, o pavio é introduzido n'uma dissolução de acido borico. Durante a combustão da vela este acido representa o papel seguinte: A medida que o corpo gordo arde e deixa cinzas, o acido borico, cujas affinidades chimicas são sobretudo poderosas a uma temperatura elevada, combina-se com a cal e com as outras bases mineraes que fazem parte das cinzas; estes boratos sendo muito fusiveis elevão-se pela capillaridade no pavio, e convertem-se na sua extremidade em um pequeno globulo brilhante que cabe com o resto das cinzas não vitrificadas, depois da inteira combustão do pavio. Quem quizer pôde verificar, durante a combustão de uma vela da Estrella a formação em certos intervallos d'esse pequeno globulo fundido, que acaba por cahir quando tem adquirido um certo volume.

A combustão de uma vela stearica, que a primeira vista, parece tão simples, compõe-se pois na realidade de muitos efeitos delicados; e o resultado que só nos chama a attenção é a consequencia muito estudada de uma serie de artificios engenhosos collegidos pela sciencia.

D'entre as numerosas difficuldades que a

industria stearica teve a vencer no seo começo, pôde-se tambem assinalar a que provinha da crystallisação do acido stearico em finas agulhas encrusadas quando se introduzia nas formas. As velas não offerecião o aspecto alvo e liso que se lhes vê hoje, apresentavão uma textura crystallina e meio translucida. O primeiro ensaio que se fez para conjurar esse máo effeito foi desgraçado. Conhecera-se que o acido arsenioso junto em pequena proporção ao acido stearico impedia a sua crystallisação durante o arrefecimento, e portanto fez-se uso d'esse acido. Mas a presença de um veneno tão activo no meio das velas tinha grandes inconvenientes.

Por mais pequena que fosse a quantidade d'esse toxico empregado podia elle volatilizando-se derramar-se na atmosphera, e tornar-se perigoso. A autoridade interveio, e o creador da industria stearica vio-se em cruéis embaraços para substituir o composto proscripto, e a ponto de naufragar depois de mil obstaculos felizmente vencidos. Descobrio-se então que a addição de uma mui pequena quantidade de cera no acido stearico fundido perturba e impede a sua crystallisação. A pratica permittiu depois conseguir-se sem despesa alguma o mesmo resultado, agitando-se e deixando esfriar, até uma temperatura proxima á solidificação, o acido stearico, antes de o lançar nas formas que se tem o cuidado de aquer antes.

As velas stearicas apparecerão pela primeira vez nas Exposições Publicas em 1834; Mr. de Milly era o seo unico fabricante, e só dous annos depois estavam adoptadas na economia domestica. Os processos do fabrico tinhão-se aperfeiçoado ao mesmo tempo que se dava emprego ao acido oleico; o que contribuiu a diminuir consideravelmente o preço d'ellas. Depois d'essa época o fabrico das velas stearicas extendeu-se aos pontos mais remotos do globo, á Sydney, á Calcutá, á Lima, e até á Siberia.

Luiz Figuer.

Fabricação de phosphoros pelo Dr. R. Boettger e outros.

E' n'esta massa que se molhão as pontas dos palitos, os quaes tem sido previamente enxofrados, ou o papel preparado, que igualmente tem sido impregnado no salitre, e que se faz seccar n'uma corrente de ar pouco quente.

Como o phosphoro se oxida, ainda que lentamente, pela acção do oxigenio do ar atmosphérico, e se transforma em acido phosphoroso, attrahindo assim muito a humidade que obstaria á inflammção dos palitos pareceo conveniente dar por meio de um pincel ma-

cio, sobre a composiçõ inflammavel e já secca uma leve de mão de verniz de gomma copai, ou de simples soluçõ de gomma, á que se ajunte uma pequena quantidade de salitre. Por este modo evitão-se os inconvenientes da humidade.

A receita acima indicada foi aperfeiçoada posteriormente pelo Dr. Boettger pela seguinte forma.

Phosphoro	11	partes.
Salitre	10	»
Cólla forte	6	»
Minium	5	»

Composiçõ de duas massas resinosas usadas em Paris.

Chlorato de potassa	3	partes.
Gomma arabica	2,005	
Alcatira	0,001	
Phosphoro	2,	
Azul de Prussia	0,050	

Resina com fricção sem estrondo.

Chlorato de potassa	0,500
Gomma arabica	2,
Alcatira	0,100
Phosphoro	2,
Agua	2,500
Azul da Prussia	0,040

Na Allemanha fabricão-se uns phosphoros de fricção, sem enxofre, e papel inflammavel sem estrondo, com os seguintes ingredientes.

Gomma arabica	16	partes.
Phosphoro	3	»
Nitrato de prata	14	»
Peroxido de manganez	16	»

Outra receita.

Phosphoro	4	»
Nitrato de potassa	17	»
Ocre vermelho ou minium	5	»
Colla de marceneiro	6	»
Esmalte	2	»

Outra formula de excellente massa chimica.

Phosphoro	17	partes.
Nitrato de potassa	38	»
Minium	24	»
Cólla	21	»

Outra receita.

Preparaçõ do chimico portuguez Cardoso Leal Junior.

Cólla forte	4	partes.
Nitrato de potassa	8	»
Oxido rubro de chumbo	5	»
Sulferreto de phosphoro	3	»
Para preparar esta massa fulminante ou		

phosphorica deita-se em uma capsula o nitrato de potassa, o oxido rubro, e a colla forte, e mistura-se com uma espatula de pau ou vidro; junta-se-lhe depois o sulfureto de phosphoro e com a mesma espatula mistura-se sem empregar força.

Preparação do sulfureto de phosphoro.

Deite-se em uma capsula uma porção de espirito do vinho de 36°, o phosphoro e o enxofre. Ponha-se a capsula ao lume em banho de areia ou agua, e deixe-se dissolver o phosphoro e o enxofre sem levantar fervura. Separa-se depois do sulfureto o espirito que se não evaporou, e guarda-se o sulfureto em um vaso de vidro.

Receita de Jablouwski, do Bealystok.

Ponha-se em um vaso de vidro que tenha a boca larga, 40 grammas de phosphoro, e ajunte-se essencia de terebentina quanta seja sufficiente para cobrir bem o phosphoro, junte-se mais 10 grãos de flor de enxofre, e ponha-se o vaso dentro d'agua quente até que o phosphoro esteja completamente derretido; então tire-se para fóra e tape-se a boca do vaso com uma rolha, agite-se o mixto com força até esfriar, e depois coe-se a essencia que se sustenta em cima. Na massa espessa do phosphoro que fica molhe-se as extremidades dos palitos, e passado algum tempo estando seccos repita esta operação no seguinte mixto:

Dissolva-se 30 grammas de gomma arabica em um pouco d'agua, e ajunte-se 20 grammas de chlorato de potassa, mexa-se bem até que a massa fique bem homogenea, acrescente-se depois 10 grãos de ferrugem de chaminé, a qual será pisada com uma pequena quantidade de espirito de vinho.

Passadas que sejam 12 horas, os palitos estarão perfeitamente seccos e promptos. Esfregando-se sobre qualquer corpo aspero inflammão-se sem detonação.

Papel chimico odorifico.

Para preparar o papel chimico que se accende pela fricção, applica-se com um pincel sobre o papel branco ordinario uma camada de tintura de beijoim; deixa-se seccar e depois applica-se sobre as bordas do papel assim preparado outra camada do mixto explosivo acima indicado. Pela fricção as bordas do papel inflammão-se e communicão o fogo á materia odorifera.

Extr.

CHRONICA DA QUINZENA.

Eis-aqui uma quinzena que desmentio com singular felicidade nossas tristes previsões sobre a permanencia d'essa immobilidade a que parecemos eternamente condemnados. Pareceo-nos que viviamos n'outro mundo, cercados de outra gente, e que nos approximámos de outro destino: houve em torno de nós vida, movimento, actividade. Sem duvida que a nossa imaginação transviada pelos nossos desejos concorreo para dar á tudo isso proporções mais exageradas, porém um fundo de realidade autorisa as congratulações que nos devemos uns aos outros. Para prova d'isto não era mister cousa alguma além da leitura do relatorio que o Sr. Barão de Mauá apresentou a companhia da estrada de ferro do Petropolis n'um dos dias da semana passada.

O Barão de Mauá! Demoremó-nos um pouco sobre esse nome de tão grandes e merecidas sympathias; não ha outro na nossa terra que tenha uma significação mais honrosa, nem mais lisongeira. Barão do Mauá quer dizer força intelligente no meio da força incapaz, actividade patriótica no meio da inacção egoistica, coragem razoavel no meio do desanimo irreflectido.

O Barão de Mauá parece ter aprendido a logica com que o philosopho grego venceo e convenceo aos pensadores de seita que negavão o movimento: trabalha ante os que negão a força, progride ante os que negão o progresso, crê ante os que negão a crença.

Não ha ninguem que como elle tenha dado tão solemne desmentido ás previsões temerosas da rotina. Sua vida industrial é uma incontestavel demonstração de grandes verdades economicas: pôde dizer-se que o seo apparecimento no mundo commercial marcou uma nova era para o engrandecimento d'esta terra. Engrandecendo a profissão que adoptou por suas aspirações gigantescas elle nobilitou a sua classe. No dia de grande regosijo para o Brazil, em que pelo impulso de sua mão vigorosa a primeira locomotiva ferrea rodou sobre nosso sólo a justiça imperial conferio-lhe um titulo que é hoje o seo nome: não sabemos se o titulo nobilitou mais ao homem, do que o homem ao titulo: parece-nos que o que ficou mais honrado e distincto d'aquelle dia em diante foi o baronato.

Voltemos porém ao relatorio sobre a estrada de ferro de Petropolis.

A estrada não deo o lucro que os calculos mais solidos authorisavão que se esperasse.

Por um phenomeno de que não ha exemplo nos annaes do mundo industrial a concurrencia de passageiros, cujo resultado devia constituir a renda eventual da companhia, esteve longe de realisar as esperanças sobre os melhores fundamentos. Ao lado porém d'este

inconveniente a questão do transporte apresenta ter uma solução satisfactoria, e a escripturação da companhia mostra adiantamento e progresso n'esse sentido. Ainda porém não ficão com isto satisfeitos os calculos lisongeiros que animarão a construcção da estrada. Qual é o embaraço a essa solução inteira e completa? A serra.

Está verificado que a pezar das boas condições com que foi feita a estrada que da raiz da montanha leva a Petropolis, ainda assim não realisa um systema de viação perfeito para servir no transporte, rapido, facil e comodo dos productos que por ali devem transitar.

O Barão de Mauá propõe pois á companhia dar a esse mal o remedio que aconselha a sciencia moderna, e segundo toda a probabilidade em breve se começarão os trabalhos para a construcção de um plano inclinado sobre a estrada da serra.

Então a barateza a que ficará reduzido o transporte garantirá á companhia grandes lucros e dará maior vida e movimento a esse ramo do serviço industrial. Os estudos e calculos indispensaveis para una obra d'essa ordem forão antecipadamente feitos por um engenheiro habil, e é tanta a segurança de bom exito, que o Barão se propõe a tomar sob sua responsabilidade semelhante empresa, se a companhia não tiver bastante confiança n'esses calculos e estudos.

Junto este grande melhoramento ao da nova estrada de rodagem, que de Petropolis se vai ombreve estender até o Parahyba, que restará a fazer-se para dar a todo aquelle lado da provincia um systema de viação perfeito? O que não será licito esperar do futuro de todo aquelle immenso e rico districto, depois de realisadas estas empresas?

Não ha duvida que o Barão de Mauá é o genio da nossa prosperidade e engrandecimento.

Outro facto não menos importante no seu genero, do que os que acabão de ser citados veio ainda dar um choque á apathia dos dias anteriores. Foi a chegada ao nosso porto de uma primeira partida de colonos chins, mandada vir pelo ministerio do imperio.

Esta grave questão da colonisação chineza está ainda segundo nossa opinião sujeita á grande controversia.

Parece não ter havido grande felicidade na ideia. Mas por ora recebamo-la como um ensaio e a respeito desta importante materia devemos felicitar-nos ainda mesmo por um simples ensaio com tanto que elle seja palpavel: ao menos ficamos autorisados a confiar com mais segurança na vontade do governo.

Entretanto uma grande falta a nosso ver frustrará talvez o resultado da experiencia, ou

pelo menos a torna duvidoso. Por que não vierão mulheres n'esta primeira partida? Terão ellas de vir nas partidas que devem seguir á primeira? Não será esta falta um inconveniente real?

Além deste mal aliás de facil remedio ha porém outrò que nos parece mais serio; é a ideia geralmente espalhada de que foi a analogia das condições do chim com as do negro que fez preferir esta tentativa a outra qualquer mais sympathica aos que estudão a questão, livres de preconceitos e com as luzes da sciencia. Devemos lembrar-nos que a questão relativa aos negros, não se referia á còr da pelle; não se combateo o negro senão por ignorante e por escravo.

Escravo chim ou escravo negro nada teriamos ganho com a troca.

Hoje quem attribuisse á semelhante ideia a promptidão com que forão tomados todos os chins que nos trouxe o *Sarah*; o que á ser verdade, longe de animar o governo na sua tentativa o deve completamente desacoroçoar.

Não nos deve esquecer dar contas da empresa a que se querem arriscar os negociantes do Porto das Caixas para salvarem de uma ruina completa aquella bella povoação, um dos melhores centros do commercio interior da provincia.

O projecto da nova estrada, pela qual se pretende ligar o municipio de Cantagallo com a nossa bahia, dá lugar a esta triste previsão, se acaso essa estrada se desviar d'aquella direcção. E' por isso que esses negociantes pretendem que antes de tomar-se uma resolução definitiva a semelhante respeito se proceda a estudos serios, que possão dar uma idéa exacta dos melhoramentos a que pôde ser sujeito o systema de viação que até hoje tem alli servido. Elles não negão os seus inconvenientes actuaes, mas querem que se busque removel-os. E' lão razoavel e feita com condições tão generosas a proposta que elles apresentam, que só grande má vontade poderia aconselhar a sua regeição. Por nossa parte associamo-nos ao emponho com que uma das folhas d'esta còrte, o *Correio Mercantil*, advogou a causa do Porto das Caixas, que tendo realisado até esta data grande vantagem como centro commercial, as promette ainda maiores, se for realisavel a empresa de seus negociantes.

Terminando a chronica da quinzena passada demos noticia da festa artistica que preparava o *Conservatorio de Musica*, para solemnsar o anniversario de sua reorganisação. Essa festa teve com effeito lugar, e tão boas forão as provas que derão todos os discipulos que agouramos áquelle estabelecimento o mais bello futuro.

LITTERATURA.

THEATRO DO GYMNASIO.

O Mundo Equivoco.

E' ainda sob a agradável impressão, que sobre nós produziu a representação do MUNDO EQUIVOCO, que traçamos estas linhas.

Nosso espirito não se acha de todo livre, e pois, a este artigo não presidirá talvez toda a liberdade de pensamento, que é o cunho da verdadeira imparcialidade.

Precedido pelos unanimes applausos da imprensa franceza e pelas representações da «Dama das Camélias», o «Demi Monde» appareceu entre nós annunciando de um modo que naturalmente despertou a avidéz de todas as vistas.

Estabelecendo um precedente digno de imitar-se, e que o será de certo, o Sr. A. E. Zaluar, cujos talentos e escriptos se recommendão por si mesmos e ornão a nossa nascente litteratura, depois de haver emprehendido e levado ao cabo a traducção do drama, fez d'ella leitura em presença de litteratos e artistas capazes de o comprehender e apreciar.

Foi uma bella idéa do distincto poeta, que nunca louvaremos assás.

D'essa maneira protestou elle contra o segredo, que bem se poderá qualificar de desleal, pelo qual as direcções dos theatros occultão ao publico o que lhe tem de apresentar, e fazem muitas vezes de um titulo novo e de um nome conhecido o engodo para o chamarem á mais insulsa semsaboria.

Esse detestavel costume, se o Sr. Zaluar de todo não o esmagou, abriu-lhe pelo menos a sepultura, em que breve terá de enterrar-se.

Immediatamente que se fez a leitura, a imprensa apossou-se do facto, apregou-o, tecendo-lhe os devidos encomios, e o publico foi sabedor do espectáculo que o esperava.

Dous poetas a mais de duas mil leguas de distancia haviam-se reunido pelo pensamento, um para escrever, o outro para traduzir, ambos para apresentarem um primor d'arte sobre a scena dramatica.

Com a mesma idéa que presidiu á confecção da «Dama das Camélias», Alexandre Dumas filho, traçou o plano e desenvolveu-o de sua nova producção.

E' o mesmo observador, o mesmo philosopho, o mesmo conhecedor d'essa hedionda chaga do mundo antigo e do moderno, que desde a mais remota antiguidade propaga-se e contagia uma grande parte da mais bella porção do genero humano.

Unicamente d'esta vez apresentou-se ás vistas do publico um outro grupo distincto de todos, mas que em todos se introduz, e que, segundo a bella phrase do autor, compõe um — mundo equivoco—que não é nem a aristocracia nem a burguezia, mas que voga como uma ilha fluctuante sobre o oceano parisiense, e que atrahê, recebe e admite tudo o que cabe, que emigra ou que foge d'estes dous continentes, sem contar es naufragos, que encontra, e que ninguém sabe donde vêm.

Na «Dama das Camélias» os personagens mostrão-se sob as verdadeiras condições de sua vida real; no «Demi Monde» ao contrario, é uma gente diversa d'essa outra, posto que reunindo-se com ella «no ponto negro dos pecegos de Oliveiro;» gente que nega o que é, e apparenta o que não pôde ser; tudo n'ellas é differente; uzos, maneiras, vida nada se assemelha, sómente é o mesmo o maldicto «ponto negro.»

Repetimos; a idéa e o fim não divergem na «Dama das Camélias» e no «Demi Monde,» unicamente a fórma é que varia.

Alexandre Dumas filho teve naturalmente em vista apresentar a parte mais viciada da sociedade franceza e infelizmente a mais perigosa, porque n'ella reunem-se o aventureiro que pretende subir da lida em que vivera chafurdado, até um ponto, que nunca chegará a tocar, e o fidalgo perdulario comprometido e descreditado, que vê-se forçado a abandonar a ç'asse, em que nasceu e na qual já não pôde viver; sociedade tanto mais nociva, quanto o exterior é agradável, e ao redor de qual grupão-se a belleza das mulheres, a polidez do trato, as joias verdadeiras ou falsas, os nomes pomposos legalmente havidos ou roubados e os maneços distinctos, que buscão o gozo e muitas vezes encontrão a ruina e a morte.

Alexandre Dumas filho teve em vista fazer aborrecer o vicio pelo vicio, mostrar aos incautos aonde se occulta o parcél traiçoeiro e patentear ao povo francez esse desagradavel matiz da sua sociedade, deplorando, quem sabe? sob phrases bonitas e bellas palavras a destruição das altas classes, que se corrompem pela corrupção.

E não é esta ultima idéa, que acabamos de lançar sobre o papel, uma idéa nova, que se atira a esmo e de chofre ás turbas, não; foiheai os criticos modernos, as biographias, as noticias necrológicas, os romanços, e vê-la-heis sempre sustentada.

Dumas pai, disse-a fallando do duque de Laroche-focault, Cormenin expendeu-a tratando do Sr. de La-martine e mnitos outros, cuja citação seria enfadonha. Em summa não pequeno numero de autores de nota tem deplorado a falta ou a morte da alta aristocracia franceza.

E Dumas filho quigá considerou tambem essa idéa mostrando um dos lados, por onde se escoam e desaparecem essa fidalguia e esses nomes, que se celebrarão em Marignan, em Rocroi e em Dantzck, e com o sumindo-se parte, o resto torna-se equivoco pelos aventureiros, que procurarão aparentar o que não são, e que chegarão, se ainda o não conseguirão, a confundir os nomes e as pessoas de modo que talvez bem se não possa hoje distinguir a verdade da mentira.

Embora, como temos ouvido, haja opiniões de litteratos notaveis, que estigmatizão a producção de Dumas filho, como uma escola de immoralidade, nós não a consideramos assim.

Ali está a verdade e se o theatro é um dos educadores do povo, nunca censuraremos o escriptor, que n'elle expuzer as cousas taes quaes são, posto que concordemos que alguma vez o facto real deva ser modificado, e por isso, entendemos que o Sr. Zaluar, transportando para nossa scena dramatica, o «Demi Monde» paestou não pequeno serviço ás lettras brazileiras.

Por que a traducção do nosso poeta, não é uma obra vulgar feita por assim dizer, de encomenda e de empritada, não; é um trabalho aturado e consciencioso elaborado por um homem, que sabe o que é a penna de escriptor, e que n'elle ia jogar o nome, que tem sabido adquirir.

Não nos foi possível obter a traducção do drama, e, pois, não pedemos fallar se não pelo que ouvimos no correr da representação, quando tinhamos a attenção dividida por muitos motivos. Com tudo nada de dissonoro e discordante ferio-nos, os ouvidos. A dicção era facil, a phrase elegante e pelo conhecimento que temos do original francez, calculamos as difficuldades, com que lutou o Sr. Zaluar, e sem grande erro poder-se-ha dizer, que elle não traduzio, compoz, realisando quasi o parecer do corypheu da litteratura moderna portugueza, de Garret, que entendia, que o traductor, devia apo-

sar-se do pensamento do autor o escrever sobre elle, concordando, assim, com Filinto Elysis quando dizia, que era mais facil compor que traduzir.

Congratula-mo-nos sinceramente com o Sr. Zaluar, que com sua obra vem marcar uma epocha na nossa litteratura, o que hoje não é apreciado, mas que o será para o futuro: congratula-mo-nos, sim, de todo o coração, por que é moço, por que pertence á escola do progresso, que não descreá ainda d'este nosso Brazil, onde a litteratura até agora, sonho de ideologos, vai tornar-se, ao que parece, não um meio de viver-se, como em França, mas uma mercancia de agiotagem.

E se por todas estas razões felicitamos ao Sr. Zaluar, não esqueceremos, o que deve elle, pelo exito de sua obra e o publico pelos bellissimos espectaculos que tem tido, á companhia dramatica do theatro do Gymnasio, não pretendendo, todavia, com o que disemos faser a completa apologia da representação e da «mise en scene.» Estamos distantes d'isso e passaremos a notar o que mais nos impressionou.

A Sra. Gabriella é sempre o mesmo talento, que nunca cessaremos de applaudir, enquanto elle, como até o presente, se não desmandar em qualquer sentido. O papel de Baroneza d'Ange foi perfeitamente desempenhado, e o autor, escrevendo-o, de certo não pensou, que a actriz d'elle encarregado o executasse a ponto de tornar quasi inverosmil, que Raymundo De Nanjac não se casasse com Suzana apenas a viu, e que o proprio Oliveiro não pedisse de joelhos a sua mão.

A Sra. Gabriella foi de principio a fim a mesma mulher distincta em suas maneiras, o mesmo demônio tentador, de seducções, de espirito e de graça.

O Sr. Pedro Joaquim mostrou-se o artista de merito que conhecemos; quizeramos comtudo menos arredondados os seus gestos e movimentos, mais alguma commoção visivel no semblante quando falla a Marcellina no 5.º acto. Houve n'este ponto frieza de sua parte; e a occasião era suprema, era o ultimo momento da vida, e em taes circumstancias o peito arfa, os olhos fallam, as emoções como que dimanão de todos os póros. No mais o Sr. Pedro Joaquim foi o proprio Oliveiro de Jolin.

No Sr. Amocedo, o sympathico artista, reparamos tambem ligeiras fallas: O seo traje negro desde o primeiro até o ultimo acto é quasi incommodo á vista, e admira, que o Sr. Doux não o haja advertido de que em França a casaca é para as visitas da tarde ou de etiqueta—e para a manhã á sobrecasaca ou o paletot. Achamos tambem demasiado severa a sua phisionomia de soldado e repellimos o espirituoso dicto de um amigo nosso a proposito do mesmo objecto — «posto que os officiaes d'Africa tenham o direito de trazer os bigodes como queirão, comtudo o theatro requer o melhor, o mais bonito, o modelo; salvo se a exigencias do drama obrigoem ao contrario.

No quarto acto, quando exigindo de Suzana a carta que ella escrevera, Raymundo expõe os motivos por que o faz, o Sr. Amocedo exhibitou do que devia, — gritou e rara vez se admite o grito a um homem quanto mais a uma mulher. Não se fie o Sr. Amocedo nas palmas, que n'essa occasião arrançou «uma vez» e accreditemos que certos applausos nada provão de bom, ao contrario; porque elles não partem de quem melhor comprehende o que se passa na scena. Arrostre, uma pequena impopularidade de alguns dias e sahirá mais radiante, porque o talento e o estudo sempre ficam victoriosos.

O Sr. Montclair posto que parecesse ter comprehendido o seo papel, comtudo, claudicou em mais de um ponto. Fallou sempre apressadamente, tinha um tom dogmatico que não quadra em um moço de vinte e tantos annos ou trinta. A recitação do que dissera o Marquez de Thonerins não foi boa: Não parecia um homem a fallar, mas um automato a deixar passar os sons que lhe sopravão.

Agora uma observação de que só exceptuaremos algumas das actrizes; sentão-se sempre mal. As pernas abertas sem que os pés estejam unidos é inconveniente em uma sala e de mau effeito sobre a scena, e a mão esquerda sempre calçada apertando a luva da direita muito espichada, é de pessimo gosto.

A Sra. Velutti desempenhou bem o seo papel de M.^{me} de Santis posto que alguma vez fôra para desejar menos garridice.

A ingenua Marcellina foi mui bem comprehendida e executada pela Sra. Adelaide. Quizeramos unicamente menos paramentos.

A Sra. Clotilde na viscondessa de Vernières não foi mal, notamos-lhe porém, que a sua attenção deve estar toda fixa em Oliveiro, quando elle dirige-se com palavras duras a Marcellina, não se distraindo em sorrisos e conversas.

Agora algumas perguntas ao Sr. director da scena.

O Sr. Doux será capaz de dar-nos a razão porque no 2.º acto faz entrar as visitas pela esquerda do espectador e sahir pela direita? A viscondessa vai a buscar Marcellina no interior para sahir com ella; como é que o Marquez retirando-se entra pelo mesmo lado e pelo mesmo plano a tomar o seu carro? Só se na casa d'essa fidalga «equivoca» era de estylo entrar-se pela porta da rua e sahir-se pela do quintal, como n'essas historias que nos contão quando meninos.

O Sr. Doux já reparou no pessimo effeito da scena passada entre Hypolito Richond e sua mulher, parados na boca da scena, como dous estafermos, por um eterno quarto de hora, tocando-se mutuamente com os hombros e torcendo o pescoço para se fallarem? Se isso se dêsse em uma sala particular onde se fixariam os olhares dos circumstantes? Esterão todos lendo jornaes como Oliveiro que tapando o rosto protestava contra o que se passava?

E porque razão ha de n'esse mesmo acto levantar-se este personagem para provar a Raymundo com a conversação, que enceta a verdade do que lhe havia dito? Não fôra melhor que da cadeira em que se achava sentado dirigisse a palavra a quem lhe approvesse?

Convidamos o Sr. Doux a vir em uma noite de espectáculo verificar da platea a veracidade do que acabamos de notar.

Quanto acabamos de notar são defeitos leves, facis de corrigir, e que em nada enfraquecerão o brilho da representação do «Mundo Equivoco». O effeito foi qual se devia esperar de uma producção de tão superior intelligencia como a de Alexandre Dumas filho, e de uma penna tão elegante, como a do Sr. Zaluar.

MEU CARO REDACTOR.

A vossa delicadeza inspirou-vos o convite, que me fizestes, para collaborar em vosso interessante jornal, mas contra elle com razão se devem revoltar a rectidão de vosso julzo e a imparcialidade de vossa illustração.

No entanto consenti-me este assomo de vaidade. Ah! vos envio estes toscos fragmentos de um romance, que publicareis no mais obscuro canto de vossa folha.

Tende a compiacencia de inutilisar algumas columnas para me concederdes a honra de ver meu nome desconhecido inscripto n'uma das folhas, que mais honra faz não só á intelligencia elevada que a dirige, como a todo o paiz cujos interesses tão afincadamente promove e sustenta, e pelo futuro do qual nunca julgarei o meu empenho satisfeito, em quanto me restar um esforço ou um recurso a empregar em sua felicidade e grandezza.

Dignai-vos aceitar a minha humilde offerta, como prova de meu reconhecimento ao vosso convite e de meu interesse pela sorte de vosso bello jornal.

QUINTINO BOCAYUVA.

FRAGMENTOS.

Folhas intimas.

I.

..... Rápida e fugitiva apparição de minha felicidade, mentirosa previsão de venturas que eu nunca heide gozar; porque me vieste sobresaltar do somno da desesperança em que eu jazia, porque me vieste accordar n'alma, desejos e ambições que eu já havia deposto.

De que me serve o brilho desse astro luminoso que me apontaste no céu, se tenho de cerrar meus olhos para não vel-os depois sepultados na escuridão de uma noite eterna?

Que consolo é esse que me dás n'um sonho de que tenho de despertar para engolfar-me depois na funda materialidade de uma vida obscura.

Que me importa a mim, essa estrella brilhante que me mostraste, se eu não posso abraçá-la, se me não é dado chegar a ella com meus labios e soiver uma por uma, todas as lagrimas de sua luz, até tel-as esgotado todas, até ter-me embriagado com ellas, por toda a eternidade que se me reserva, seja do céu ou do inferno?

De que me serve ser tão encantadora e feiticeira essa imagem divina, que me fizeste apparecer junto ao leito de minhas insomnias, se quando ergo por seus encantos e enlouquecido por seus feitiços, estendo os braços para enlaçá-la, ella me foge, como uma sombra impalpavel, ou desfaz-se como um phantasma de nevoas aos primeiros raios do sol.

Eu bem vejo que é immenso e inapreciavel esse thesouro que me atiraste ás vistas, talvez n'um accesso de ironia, mas de que me vale isso, se eu digo comigo—não posso possuí-lo!

Não é dobrado este tormento que soffro, não é mais dolorosa esta agonia que me afflige, de estar vendo a todas as horas do dia ou da noite, a todos os instantes da vida, a todas as palpações do coração, o anjo que me veio illuminar a alma com seus olhares de fogo, preso nos braços de outro? E deseja-lo e muito, e ama-lo com toda vehemencia de um affecto depurado no crysól da incerteza e quasi do desespero, e ter de dizer-me a mim mesmo, apertando as mãos contra o peito, querendo espedaçar o coração entre os dedos, — não é meo, não posso enlaçá-lo, como o outro, em meos braços?!

Para que, inexoravel destino, fizeste desabrochar entre os cardos que eu pisava em minha infortunada romaria, n'esta perigração maldita que faço pela superficie da terra, para que fizeste desabrochar entre elles, essa flôr tão delicada e pura, de tão brilhante esmalte, de tão variado matiz e embriagante aroma, se a cada novo encanto, se a cada nova belleza que lhe descubro, tenho de mal-dizer da minha sorte e soltar n'um genido es a desoladora confissão — não posso goza-la!

II.

No entanto, eu te abenço a apparição maldicta! Amo-te, amo-te muito, porque a felicidade é tão bella! e eu tenho sido sempre tão desgraçado! que prasem-me as horas de tua presença, como se fosse verdade essa illusão mentirosa de meus sentidos, esse escandecio devanciar de minha

mente nas noites tão compridas, tão negras e tão solitarias da minha vida!

Amo-te muito tremula e misteriosa luz, amo-te, como a florinha do prado ama o primeiro raio do sol da madrugada!

És o sol da minha vida, a unica luz que me allumias por entre as trevas assustadoras que me cercão esta arida existencia.

Falida estrella de meus amores que sosinha scintillas entre as brumas carregadas da atmosphera que me rodeia, a ti tambem as minhas adorações! Amo os teus reflexos, mesmo que escondas por instantes, como ama o viajante em noite de cerração, ver luzir-lhe, inda que ao longe, a luz amiga de um pharól scintillante. E elle tem razão, o viajante, porque esse pharól lhe annuncia a terra bem como tu, casta estrella, me annuncias o céu!

Mas, porque vieste, sonho, despertar-me em convulsões do somno estúpido em que eu jazia lasso de fadiga e de soffrimentos?

Quem te chamou a ti, visão incantadora que todas as noites vens pousar á cabeceira de meu leito?

Porque me vieste fascinar com tua luz, estrella, porque me vieste incantar com tua belleza, anjo, embriagar-me com o teu perfume, flôr, enlouquecer-me com teus feitiços, mulher!

(Continúa.)

ROMANCE.

Ir á Roma e não ver o Papa.

(Aventuras de um caçador).

CAPITULO I.

Em que figurto alguns nomes europeos, e em que se dá conta de quem era o Sr. Luiz Louet, personagem principal d'esta muito verdadeira historia.

Em 1834, Alexandre Dumas passava por Marselha, dirigindo-se do meio dia da França á raia da Italia. Todos sabem que as lettras francezas são populares entre nós, e Alexandre Dumas popularissimo entre ellas, conhecido como é, pelas repetidas representações de seus dramas, e pelas numerosas versões dos seus romances.

Quem ler as memorias do engenhoso e inexgotavel escriptor verá que é a caça uma das suas maiores predilecções; e sem discutirmos, se elle é ou não um atirador de merito, sabemos que niuguem conta melhor tudo o que respeita áquelle exercicio, considerado por uns como arte nobre, sentido por outros como paixão violenta.

Alexandre Dumas, passando, demorára-se em Marselha, e fazia-lhe as honras da cidade o ebistoso Mery, o antigo collaborador de Barthelémy, o poeta secundo, o espirituoso romancista que sabe dar ao paradoxo o colorido da verdade, e á verdade a grandeza do paradoxo.

Uma tarde, Méry e Dumas, perto da embocadura do Huveaume, que tem a ambição de

passar por um rio com o pretexto de ter uma foz, vagueavam juntos pelo formoso passeio do Prado, á beira do mar, conversando ambos, com a lianeza de dous grandes espiritos, e a intimidade affectuosa dos que tem coração para se estimarem como irmãos, apesar de competirem como emulos. O assumpto da conversação dos dous insignes escriptores não era, como se poderia suppor, nem a analyse, da procreação da magnifica trilogia dos *Mosqueteiros*, nem a investigação das causas que derão tão brilhante matiz áquelle deslumbrante conto da *Guerra do Nizam*, que parece escripto, como de qualquer outro diria o proprio Méry, com um raio de sol, n'uma folha de palmeira, ao pé das ruinas de alguma Babel india.

Dumas, o poeta, não estava ali; estava Dumas o peregrino, Dumas o caçador.

O autor do *Monte-Christo* perguntára procaicamente ao autor da *Florida* se em Marselha se gostava de caçar.

Méry, indolente como um meridional, não podia, n'estes assumptos fallar por si, mas fallava dos outros com o desplante graciosissimo, que, segundo dizem, lhe é peculiar.

— Meo caro Alexandre — dizia elle — todo o marsehez nasceo caçador.

— Bem: — replicou Dumas, esfregando as mãos com o gesto satisfeito de quem recebe uma noticia agradável — e que se caça nos arredores de Marselha?

Alexandre Dumas, como elle proprio nos diz, nasceo entre mattas.

Em tempos normaes — acudio Méry — o caçador marsehez atira ao pintasilgo, ao pintaroxo, á folosa, ao pardal, ou a outro qualquer volátil de iguaes dimensões. As suas ambições não vão mais longe. Raramente se elevão ao melro, e nunca até á codornizi. Quanto á perdiz, é para elle a fenix: accredita por lh'o terem dito, que só uma existe no mundo, e que essa renasce das suas cinzas, e se deixa ver aos homens, de tempos em tempos, ou depois das grandes catastrophes, como para annunciar a colera ou a clemencia de Deos. A respeito da lebre não fallemos: é universalmente reconhecido em Marselha que a lebre é um animal fabuloso, no genero do dragão de Rhodes, ou do unicornjo do escudo britannico. Saberá mais, meo caro Alexandre, que o caçador de Marselha, dominado da languidez do clima, não vae procurar a caça: espera que ella venha procurá-lo. Ora, como nem os pintasilgos, nem os pintaroxos, nem as folosas, nem mesmo os pardaes a pezar de sua multiplicidade prodigiosa, tem nenhuma razão particular para virem pousar justamente nas arvores em que o seo inimigo os espera, o caçador vê-se obrigado a recorrer a artificios mais ou menos engenhosos,

no intuito, um pouco traiçoeiro, de attrahir os pobresitos. E' por isso que hade ver o caçador marsehez geralmente seguido de um garoto, que transporta, n'uma ou mais gaiolas, um ou mais passaros das especies citadas, conforme as predilecções de cada qual. O sexo das aves é indifferente, pois que os machos são destinados a attrahir as femeas, e as femeas a attrahir os machos. Suspensas as gaiolas nos ramos inferiores dos pinheiros, os passaros captivos servem de chamariz aos passaros livres. Iludidas pelos gorgeios das companheiras, algumas aves mais ingenuas tem a candura de virem pousar nos ramos superiores. Deve-se dizer porém que, a pezar da finura do estratagemas, o caso não é vulgar, e vae-se tornando rarissimo, em razão de se obstinar n'esto unico expediente a malicia do caçador marsehez.

— D'esse modo as caçadas — interrompeo Dumas rindo — não brilhão pela abundancia.

— Não — tornou Méry com um serio impertubavel — são nomeadas só pela raridade. Eu lhe digo o calculo que tenho feito: Em regra, o caçador marsehez faz as suas esperas de oito em oito dias, aos domingos. Ao cabo de oito d'estas esperas, ou seja em virtude da idade ainda tenra, ou por vir das regiões remotas, uma ave innocente pousa a geito nas arvores. De oito d'estas aves o curioso mata uma. D'aqui resulta que, somadas todas as despesas um pardal vem a sair-lhe por oitenta mil réis, e um pintasilgo por cem. Mas, tambem, no dia em que o caçador mata um pintasilgo ou um pardal, é grande diante da sua familia, como Nemrod na presença de Deos.

— E não ha mais variedade?

— Ha apenas uma variante. O fraco do caçador marsehez é accreditar que ha uma epocha do anno, em que passão, pelos arredores da cidade, nuvens de pombos bravos. N'esta epocha, atravessa o caçador uma vara de marmelleiro atada de arvore a arvore, e n'esta vara transversal crava uma vareta perpendicular, aguçada no extremo, á qual vareta prende com um cordel curto um pombo manso. D'esta fórma o pombo chamariz, não podendo nunca pousar na vara transversal, é obrigado a voar perennemente. Na opinião dos nossos caçadores, este vôo eterno algum dia ha de chamar a si o vôo ignoto dos consideraveis bandos de torquazes, quando passarem atravessando de Africa para o pólo.

— Diz bem, é uma variante. Não ha muita differença no artificio.

— E' a mesma idéa fundamental. Prova firmeza de caracter. Se effectivamente passarem os pombos bravos, é provavel que em pouco tempo ficassem ao facto do ardil; mas o caçador marsehez confessa ingenuamente que

nunca vio um torquaz. Apesar de tudo, insiste em afirmar que, se não passarão, hão de passar. Ao cabo de quatro domingos, o pombo domestico morre ethico. Ora, como a supposta passagem dos pombos bravos dura tres mezes, a variante referida custa mais o preço de tres pombos ao caçador. Em todo este tempo ainda em cima, não tem licença de matar nem uma arvêola, porque o vôo phrenetico do pombo prisioneiro mette um medo horroroso a todas as outras tribus aladas.

— Obrigado, Méry—tornou Dumas estendendo o beijo inferior com expressivo desdem.—Estou sufficientemente informado a este respeito.

— Ainda não—replicou Méry—espero que esta noite faça conhecimento com o typomais perfeito do caçador marsehez.

— Caçador de pardaes? — acudio Dumas.

— Caçador de melros — respondeo Méry, com orgulho ironico.—Não temos melhor.

— E onde havemos de achar esse phenomeno?

— Em minha casa, replicou o poeta; se me quizer fazer o favor de ceiar comigo.

— Aceito — redarguiu o author de *José Balsamo*.

— Encontrar-nos-hemos no theatro. Dá-se hoje a *Semiramis*, rematou Méry, separando-se do seo amigo.

Effectivamente, dava-se a *Semiramis* no theatro italiano de Marselha em 1834, como, ainda ha pouco, se deo entre nós a opera os *Capuletos* com a formosa Julietta no ultimo periodo do seo amor culpado. Seguramente, Assur na colonia dos antigos phocios não podia ser mais infeliz do que Romeo na cidade de *Ulysses*.

A' noite, os dous escriptores reunirão-se no theatro como havião ajustado.

— O nosso caçador modelo? — perguntou Dumas.

— Não só o teremos á ceia, mas já o temos aqui—respondeo Méry.

— Onde?

— Além.

— No primeiro banco?

— Na orchestra mesmo.

— E' o terceiro baixo?

— O immediato, o quarto.

— Como! Aquelle velho secco, alto, calvo, engravatado de branco, encadernado de preto, de sapatos como saveiros, e tornozellos como promontorios?

— Esse mesmo.

— E é um caçador, aquillo?

— A perola dos caçadores? Julgal-o-á ouvindo-o. Acompanha-nos logo.

— E como hei de eu julgal-o ouvindo-o só? Parece-me que o julgaria melhor vendo-o.

— Ha de julgal-o pela narração dos seos feitos.

— Huum!—resmoneou Dumas, pouco esperançado na physiõnomia. E como se chama esse devoto de Santo Huberto?

— Chama-se o Sr. Luiz Louet, quarto rebeção grande, ou baixo, no theatro lyrico de Marselha, e heros de lances variados, não menos originaes do que as aventuras picarescas, inventadas pelo nosso compatriota Lesage.

CAPITULO II.

No qual se mostra como d'uma ceia substanciosa se faz um prologo substancial.

Terminada a *Semiramis*, Alexandre Dumas, e o quarto rebeção grande do theatro lyrico de Marselha, protogonista venerando d'esta instructiva narração, dirigirão-se juntos á casa do collaborador de *Barthélemy*, onde se reunirão com mais alguns convivas, segundo o que fóra previamente concertado entre os dous poetas.

Introduzido officialmente o Sr. Luiz Louet para com Dumas, Dumas foi recommendado ao Sr. Luiz Louet na qualidade de um dos mais distinctos discipulos de Yauville e de Salvino, conhecedor profundo das artes cynegeticas, e tão versado nos differentes modos e traças d'ellas, como Cumming e Delegorgue, os caçadores viajantes ou como João de Franchiêres e Argote de Molina, os caçadores doutrinaricos.

Méry recommendava conscienciosamente os seos hospedes.

As apresentações forão feitas e recebidas, de parte a parte, com uma gravidade em que se attestava o grão de importancia que os dous apresentados ligavão aos titulos com que erão mutuamente annunciados.

Dumas envergonharia aquelles senadores, que Brenno foi achar immoveis nas curues no meio de Roma em chammas, preparando d'este modo, sem risco de serem equivocados com os collegas modernos, a letra para o *impavidum ferient ruina* de seo compatriota Horacio.

O Sr. Luiz Louet, não menos conscio de si, e tão entendido no culto da escapeta, como na lithurgia escabrosa dos cumprimentos entre confrades, inclinou-se sem descer uma linha abaixo da sua dignidade, como o estava exigindo o papel que fóra chamado a representar n'esta noite memoravel.

A ceia foi o que é uma ceia de homens. Aos primeiros pratos um silencio quasi funebre, cortado do monotono rascar de um moer diligente; aos segundos, alguns apodos bachicos, algumas exclamações estimulantes, e um como borburinho mesclado, que subia nas azas de um *crescendo* vigoroso; aos terceiros, os ditos crusavão-se em tiroteio, a hilaridade triumphante.

va sobre os cadavares prostrados das garrafas inúteis, e a oratoria exuberante degenerava em inferneira geral. Só o Sr. Luiz Louet, que se distinguia por um appetite formidável, e por uma taciturnidade igual ao appetite, mantinha a sua sisudesa cheia de promessas para a sobremesa, oportunidade destinada á exposição solemne do grande homem.

Como se pôde prever, mil historias de caçadas fabulosas tinham sido contadas afim de apalpar o terreno; mas o Nenrod marsehez, impassivel na apparencia, não lhes prestára mais attenção do que a de um aceno de cabeça, e a de um sorriso leve, que tanto podia passar por uma ironia commedida, como por uma approvação protectora, signal de incontestada superioridade.

Finalmente, servio-se o ponche e vierão os charutos. O Sr. Luiz Louet estendeo as pernas por baixo da mesa, e os braços crusados por cima do abdomen, que lhe tinha tomado proporções até ali insuspeitaveis. Depois, reclinando a cabeça para o espaldar da cadeira, com os olhos beatificamente semi-cerrados, contemplou benevolo os convivas, como se os visse pela primeira vez, e dignou-se expectorar um grunhido, que parecia dizer em lingua de Sardanapalo:

— Com effeito; ceci bem!

Méry que sabia aproveitar as occasiões, acudio escolhendo o momento propicio.

— Um charuto, Sr. Louet. São excellentes para a digestão, os charutos.

Méry, na ignorancia supina da maxima parte dos estrangeiros a respeito das nossas cousas, não conhecia o contracto do tabaco portuguez, aliás não aventuraria esta opinião, mais paradoxal do que todos os seus paradoxos.

— Obrigado, não fumo, — respondeo o Sr. Luiz Louet com amenidade um tanto desdenhosa. — Tomarei só um calice de ponche, se estes senhores dão licença.

— Pois não, Sr. Louet! — Tormou o poeta obsequiosamente — O ponche veio particularmente por sua intenção.

— Agradecido a tanto obsequio.

— Mas por que não fuma, Sr. Louet? Hoje toda gente fuma.

— Nunca me pude costumar. Para lhes falar a verdade, e salvo melhor juizo, na minha opinião, a respeito de tabaco de fumo e de botas, duas indecências com a devida venia, foi tudo introduzido em França pelos cossacos; seja dito sem offensa d'estes senhores.

O Sr. Luiz Louet era affeiçãoado ás precauções oratorias.

Como o preconceito do illustre rebecão grande excitasse algumas protestações menos

orthodoxas, da parte dos fumantes, Damas que até ali se envolvera n'um silencio magestoso, julgou a proposito intervir:

— Não fuma então, por espirito nacional?

— Por espirito de nacionalidade, exactamente. Para mim não existem charutos nem botas. Nunca larguei, nem largarei o rapé nem os sapatos. Gastão?

Dizendo e descrevendo com o busto um arco cheio de civilidades apresentava em circulo a sua larga caixa, redonda e invernizada, ornada na tampa cortezmente insrajposta, de uma pintura demasiadamente erotica para a sua idade.

No calor da parcialidade, recentemente super-excitada, os fumantes recusarão todos. Méry, porém, que desejava conciliar a benevolencia do seu digno commensal, accitou por cortezia, e sorvendo lentamente a pitada, exclamou com o jubilo de um apreciador:

— Bom rapé! Onde compra rapé d'este, Sr. Louet? Bem se vê que não é de estanco.

— Pois de estanco mesmo é que é. Tempero-o cá á minha moda.

— Póde saber-se a receita?

— E' um segredo que me ensinou um cardeal, quando estive em Roma.

— Ah! estive em Roma, — perguntou Dumas, a quem Méry fizera surrateiramente um signal malicioso e indicativo.

— Estive: — respondeo o Sr. Luiz Louet com uma certa complacencia, — dezoito a dezenovo annos.

— Queira desculpar a minha curiosidade. Mas que foi o que o levou de Marselha a Roma? Alguma paixão talvez.

— Foi.

— O amor?

— A caça.

— A caça!

— Nem mais, nem menos.

— De Marselha á Roma?

— De Marselha á Roma. E iria á Constantinopla do mesmo modo.

— Atraz de um gamo, pelo menos.

— Atraz de um melro.

Uma exclamação unanime e admirativa, rompeu do auditorio attento que bradou em côro, repetindo a phrase estapafurdia, prenhe de portentos:

— Atraz de um melro!

— Tal e qual.

— Conte-nos essa historia, conte, Sr. Louet — atalhou Méry que via o rebecão grande em disposições favoraveis para entrar

no assumpto. — Tenho-lh'a ouvido um cento de vezes, e nunca me farto. E' o caso mais extraordinario que tem acontecido n'estas cousas desde as caçadas do rei Arthur:

— Se estes senhores se não enfasião, — redarguo o rebecão grande, como quem longe de prever tédio nos ouvintes se prepara para saborear um triumpho infallivel, — se estes senhores se não enfasião, esimarei infinitamente ser-lhes agradável.

— Qual enfasiar! Vamos, outro copo de ponche á saúde do Sr. Louet.

— Realmente não sei como hei de agradecer, meus senhores.

— Conte, conte!

— Venha a historia!

Assim gritarão oito ou dez vezes enthusias-madas.

— Caiem-se, deixem fallar o Sr. Louet, — bradava ainda mais alto Méry, como se impozesse o famoso *quos ego* áquella procella de impaciencias.

O illustre rebecão, lisongeadado do empenho,

assoou-se com ruidosa solemñidade escorvando a preconizada narração, que eu deixo com todas as suas honras á responsabilidade de Alexandre Dumas.

A Cesar o que é de Cesar. Se os piedosos leitores puzerem duvidas á veracidade dos pasmos successos contados pelo respeitavel Sr. Luiz Louet, envial-os-hei para o grande romancista, aquem pertence toda a gloria de historiador nas aventuras miraculosas que o leitor vai admirar. Fico livre de escrúpulos, assim. Autorisa tudo o seo nome, e, se elle o não tivesse, tal e tão justificado como é, bastava-lhe a qualidade de estrangeiro para quaesquer arrojós.

D'est'arte pois, fique-se entendendo. E' o Sr. Luiz Louet que figura, Alexandre Dumas que conta, e a minha humilde pessoa que serve de ammannuense.

(Continúa).

MENDES LEAL JUNIOR.

REVISTA COMMERCIAL DA QUINZENA.

IMPORTAÇÃO

Entrarão no nosso porto desde o dia 13 até 28 do corrente mez 43 embarcações de longo curso das quaes uma a vapor: lotavão 11.634 toneladas.

Por cabotagem entrarão no mesmo periodo 131 embarcações, das quaes 11 vapores com 15,247 toneladas.

As entradas de generos de importação forão abundantes durante esses dias, conservando-se tambem a nossa praça bastante animada.

EXPORTAÇÃO

As saidas durante o mesmo periodo forão de 31 embarcações de longo curso lotando 12,832 tons. sendo um vapor.

De cabotagem sairão 98 embarcações nacionaes das quaes 13 erão vapores, lotando ao todo 13,450 toneladas.

CAFFÉ. Desde a nossa ultima revista tem reinado animação no movimento deste mercado —A vista de uma pequena baixa concedida pelos cafezeiros, a qual tem gradualmente tendido a cessar n'estes ultimos, dias fizerão-se grandes negociações montando o total das vendas até hoje (29) a 118,000 saccas. D'estas forão para os Estados-Unidos 61,000 e o resto para o Canal, Norte de Europa e Mediterraneo.

As entradas do interior continuando a ser diminutas, os altos preços porque se vende o café nos Estados-Unidos, apesar mesmo das grandes existencias que ali havião, e dos embaraços causados pelo inverno, que tolhião em parte as operações commerciaes, as diminutas existencias que temos e muitas outras causas que são geralmente sabidos, devem produzir no nosso mercado uma alta, a qual

na nossa opinião deve ser aproveitada pelos nossos negociantes para collocar o nosso café em equilibrio com os preços do de outras praças.

As existencias são de 25 mil saccas.

Os lotes para a America do Norte de 500 a 5000 Canal e Norte de Europa de 4000 a 5000, Mediterraneo de 4000 a 5000.

Nas vendas de que acima fallamos não se comprehende a quantidade de saccos embarcados por conta propria.

As cotações hoje são:

Lavado	5000 a 6000
Superior	5000 a 5000
1.ª boa	5000 a 5000
1.ª ordem	4000 a 4000
2.ª boa	4000 a 4000
1.ª ordem	3000 a 4000

Em fretes tem se feito negociações de importancia principalmente para o Canal á 60 s. e Estados-Unidos de 70 a 80 cents.

O mercado de acções tem estado tambem animado.

As do Banco do Brasil tem regulado a 99000 de Banco Rural 130000, Estrada de ferro de Pedro II ao par, rua do Cano 300 de premio, Mangaratiba 60 Seguros Maritimos e Terrestres 450 de premio.

RIO DE JANEIRO.

EMPRESA NACIONAL DO DIARIO.

Rua do Rosário n. 84.